TAgides bellas, Lusitanas Musas
Atè qui retrahidas, & confusas
Deixai, deixai as liquidas moradas
E sahi coroadas
De perolas, corais, & verde limo:
Portugues plectro seja vosso arrimo,
Não Castelhana lira
Naõ comica mentira
De hum Rey remunerada
Mais estimada delle que a espada.
Agora pois que liures de tormenta
A Lusitana praia vos alenta
Liures do mar irado
De hũ gouerno sem Rey, de hũ vão estado
De hũ Cõde mais que barbaro, & tyrano
De hũ Rey adormecido em doce engano,
De hũ secretario vil, seu conselheiro,
Que ao mais alto sobio por lizonjeiro
Com malicia, com manha, & com cautela,
E hoje por mal dos bõs priua em Castella:
E hum ministro deste seu parente
Seu executor mòr, & seu agente
Que por depender delle
A os Fidalgos despir queria a pelle,
Mas na mesma moeda lho pagaraõ
Pois do mais alto cume o despenharaõ:

E em couro, ao pouo o derão otomasſẽ,
E aquem esfolou tantos esfolaſſẽ,
Chegando aſer na morte
Infame eſpelho da mais baixa ſorte.
Agora que tomais porto ſeguro
No brio Portugues muſas que apuro
Em defenſsão da Patria, em mar aduerſo
A anchora a ferrai de mordax verſo;
Pizai dourada area,
E em porto ſaluo jà a Luſa vea
Digo auerdade que atè qui em cubria
Naſceſſe de reſpeito, ou couardia
Compatrio eſtillo, ſe iocoſo, graue
Abra eſta gloria Luſitana chaue.
Portugueza eloquencia corra vſana
Que jà não reina alingoa Caſtelhana,
Em porto ſaluo eſtais, tomai alento,
E dando ſuſpenſão ao vago vento
O q̃ a Portugual moue, a ſangue, & fogo
Que oreſirais, ò Tagides, vos rogo
Ao regio paſſo, à corte Caſtelhana
Parti com confiança Luſitana
Entrai com humildade
O decoro guardado a Mageſtade
Do grão Philipe, Rey, q̃ foi de Heſpanha
E cõ voſſa propria, não cõ lingua eſtranha

Lhe falai em poetica lhaneza,
Por satisfação passe portugueza
Inda que aos seus proprios mal aseito
Como a Rey lhe falai, & com respeito
(Isto dizeruos posso)
Como a Rey sim, mas não como a Rey vosso,
Se a rezão vos compelle,
Porque não podeis falar com elle
Sem primeiro falares,
Ao Conde Duque, & seu Diogo Soares,
Começai a falar aos dous priuados
Que Hespanha mereceu por seus peccados
E seja sem respeito, & cortezia,
Que o decoro não he da tyrannia,
Plectro destemperado,
Rustico accento, & verso mal limado.
Duque tyranno Conde deshumano
De Hespanha asoute, Nero Castelhano
Pera os teus abrazares
A borto vil da caza de Oliuares,
Aspide mal timido
Em flores de lizonjas escondido:
Veneno disfarçado
Com mascara de amigo, & de priuado:
Perfido, lisongeiro
De hum descuidado Rey despenhadeiro

 inimi

Inimigo de Espanha, & da verdade,
Origem da discordia, & da maldade
Escuta Conde fero
As nouas que do Reino darte quero,
O que em Purtugal passa
Bem sei que a noua desta ves te embaça,
Se tudo jà não sabes pellos ares
Por virtude dos teus familiares,
Ià o tempo he chegado
Em que Portugal mostra que he sóldado
O esperado seculo ditoso,
Em que Portugual mostra que he briozo
Tudo por permissão do Rey Eterno
A hũ relogio comparo o teu gouerno;
As tuas ordens locas
Oppressois muitas, & merces bem poucas
Em Portugal teus mandos taõ acesos
Não relojo de pesô, mas de pesos,
Com pesos de tributos
Pois quebra acorda por lhe pores muitos.
As rodas singulares
Eras tu ô Cõde impio, e teu Diogo Soares,
Pois pera destruir Hespanha toda
Andaueis ambos com a cabeça à roda
Sem conselho nenhum desgouernando
Del Rey o regio sceptro, & regio mando

Que amostrador deste relogio era
A seta nelle o pouo considera,
Que apontaua conforme todos viaõ
Os pontos a que as rodas omouião
E pera serem as horas bem soadas
O Vasconsellos daua as badeladas.
Não vos dè Senhor Conde isto cuidado
Que jà por Portugual iaz desmanchado,
Que horas naõ dè jà mais estou bem certo
Porque em taõ grãde aperto, & descõserto
pera acudir ahũa, & outra banda
Inda que a seta aponte, ella naõ anda
Com isto Senhor Conde mais não digo
Ià no que vedes tendes o castigo:
Couisso inda que sou tão seu contrario
Quero falar ao vosso secretario;
Contigo falo Portuguez priuado
Indigno jà de nome tão honrado,
Pois sangue Portugues caber não pode
Em quem da patria o jugo não sacode
Antes como traydor lhe da mao trato
Com sua propria nação he mui ingrato;
Os teus aluitres vãos de que seruiraõ?
Que honra, gloria, ou fama conseguiraõ?
Que nome eternizaste vil infame
Que assi he bem te chame,

 porem

Porem que acção faria glorioza,
Quem se juntou com sangue do Barboza
Teu sogro foi, & não me marauilha,
Que te dese por dote com sua filha
Males sim, q̃ em Hespanha todos chorão
Que não bens de raiz, nem mouens forão;
Maldades que em quadernos asentaua
E contra a patria, & ley suttilizaua
Mas porem se he q̃ alguns o dote tachão
Na fazẽda de hũ mao, so males se achão,
Por esta herança, & dote tens sobido,
Medrando com augmẽto de valido,
Que so medra na Corte Castelhana
Quem mente, lizonjèa, & quem engana,
E quẽ sô do bem commum he inimigo
Que quem por elle falla tem castigo,
E pena de desterro;
Ay da corte em que a obra boa he erro!
Com teu amigo o Conde te ligaste,
E o que não era bem lhe aconselhaste
Tudo pera subir por lizonjeiro
Com capa de virtude, & conselheiro
Em leis tyrannas era o teu estudo:
Foste vil, contra os teus, ligista agudo,
E nos liuros de teu sogro em que auogaste
Pois por elles de mao te agraduaste

De

De hũ Conde examinado
Porque cathedra leues de priuado
De hũ Conde, que te fez mil cortezias
Pera leres de prima, em tyrannias;
E porque Vasconsellos teu parente
Fosse deuespera em Lisboa lente,
Porem jà o castigo.
No que no Reyno ves tens inimigo,
E ainda não està cheo,
Porque arreceo jà, porque arreceo,
Que aquelles que auexais na gouernãca
Executem em vos iusta vingança
Caindo sobre vos tantos castellos,
Que fação o que fizerão a Vasconcellos:
Por que se ofim contemplo
Moue ao animo muito, hũ iusto exemplo.
Não digo mais, so te direi aleiuozo
Que Deos he iusto, & Portugal briozo.
Hũ mao na terra nunqua permanece,
Hespanha te aborrece
ElRey està enganado,
O Conde està com todos odiado
Tu do Conde dependes, nelle estribas
Em Portugal as armas estaõ viuas:
Attenta o que passou por teu parente
Exemplo ay euidente

Contra

Contra maos nenhum animo he couarde:
A cõsequencia infere, & Deos te guarde.
Musas agora ao Rey ide chegando
E confiadas entrando
No Real appozento
Fazendolhe diuido acatamento
Ao parlamento todo
Começai com concerto, & deste modo.

I

INfelice monarcha Rey de Hespanha
A quem o Ceo Imperios cõcedia
Em quãto Phebo doira, e doris banha
A onde nasce, & aonde espira o dia:
Se attento o voßo ouuido não estranha
A verdade, que nunqua percebia,
Nouas vos quero dar, inda que duras
Não vans lizõjas, mas verdades puras.

2

Da voßa monarquia a nao potente,
A quem o uento, & mar tinhão timido
Repentina, & fatal tormenta sente
O Austro brama, & sopra rijamente
A cordai, acordai ao mal presente
Descuidado piloto adormesido
Por que o mar se embraueße, a nao periga
E o Ceo com tempestades vos castiga.

Sereas aos ouuidos vos cantarão
Lizonjas, Rey, do Conde voßo amigo,
E ao ſono os ſentidos vos atarão,
Pera que da não não viſseis operigo:
Lizonjas que de vos ſe apoderarão
Lançai de vos; temei fatal caſtigo,
Mas ay! que inda q̃ agora fujais dellas
He tarde jà, pera amainar as vellas.

4

O uento creçe, & ſopra rijamente,
O norte errou o meſtre lizonjeiro,
Ià arrojarão ao mar por imprudente
A Vaſconcellos voßo marinheiro
Acoßa a nao impetuoſamente
Por hũa ilharga, & outra o mar ligeiro,
A tempeſtade crece, o Ceo irado
E jâ o maſtro grande eſtà quebrado.

5

Perdei de Portugal as eſperanças
Que jà nelle a promeßa cumpre Chriſto,
Que fez a Afonſo entre moiriscas lãças
Em viſão milagroſa do Rey viſto,
O Ceo, o Ceo alenta eſtas mudanças
De todos he o Reyno o mais bem quiſto,
Obrio Portuguez, o Rey amado
E vos eſtais com todos odiado.

Do amigo que acclamastes verdadeiro
Vos podeis queixar, regia magestade,
E de hum que por roubar noßo dinheiro
Cõtra a patria se armou, cõtra a uerdade:
Estes dous com estillo lizonjeiro
Sò pera grangear voßa vontade
Alterão o Reyno, dando â espada,
Que a nação Portugueza não fez nada.

7

Culpai a causa sim, não os effeitos
Que della nacem neceßaria mente,
Dous traidores da patria mal aceitos
Origem forão do que Hespanha sente,
Contra peitos leais, Fidalgos peitos,
Lanças embotão tão injustamente,
Que o Reyno, q̃ o valor da vida entẽde
Pera que lha não tire se defende.

8

Treição não he, valor he generozo,
Prudencia summa, & natural defensa,
Ninguem por ser consigo rigurozo
Permitte proprio dano, & propria offesa;
Contra vos não se armão Rey famozo,
Por uiuer sim, que a rezão dispensa.
Como o que mata outro por resgate
Não por matar, mas para q̃ o não mate.

Pere-

Peregrino de luz vezes sesenta
Em apesentos doze hespedado
Estradas de safiras, que frequenta,
Girou Phebo, & pizou com pè dourado,
Depois que ao sceptro Portugues violēta
Castelhano grilhaõ, jugo pezado,
E hoje Deos que o seu Reyno vio aflicto
O quer liurar do Hespanhol Ægipto.

10

Hoje o liberta, porque goze vfano
Fructos de promissaõ, bem promettido
Ao primeiro Afonso Lusitano,
Que hoje começa a ser fauorecido
Que ainda que o sceptro Castelhano
Lhe impida tanto bem enfurecido
Deos nos ade leuar triunfando muito
Por voßo mar vermelho apè enxuto.

11

Pellas ondas do sangue de Castella
Dōde os voßos espirē, & os noßos cātem
Alegre o Reyno ao lustre antigo anhela,
Pera que os seus Sansois Leoēs quebrātē
O que he seu vai buscar, não se rebella
Aßi voßos Castellos não se espantem,
Falte o que foi por força dominado
Pois dura pouco o bem, que he violētado

12

Se o Reyno pormettia em iuramento
De vos guardar leal obediencia,
Vede o voßo real promettimento,
E achareis da desculpa a euidencia
Prometestes, Senhor, no regio asento
De guardar a este Reyno, ẽ voßa auzẽcia
Priuilegios reais, & liberdades
Sem titulos, pensoens, & crueldades.

13

Priuilegios dos Reis ante paßados
Quebrastes, àuexando o Reyno quieto,
Não culpeis logo aos voßos, se alterados
Quebrarão promessas com valor discreto.
A fè que prometestes ha faltado,
Que falte pois em nòs he iusto e recto,
Pois por direito he bem que se celebre
Que à quem quebrar a se. a fè se quebre.

14

Quem auerà que diga, & rezão tenha
Que he bẽ que a fe de ẽpenhos bẽ nacidos
Em hum Rey bem seruido a faltar venha,
E não falte em vaßalos opprimidos,
Não he iusto que hũ Reyno vos cõuenha
Que querem destruir vossos validos;
Vos o quizestes, chega a noßa hora,
Pois vos sofremos tanto, sofrei agora.

mos

15

Vos Senhor oquizestes descuidado,
Pois no Real gouerno adormecestes
Atalaya fazendo de hũ priuade;
Cõ dous Neros, q̃ cõtra apatria erguestes.
Vosso descuido, o Ceo ha castigado
Pois adeleites vaõs obedecestes,
Naõ aò preceito que â rezaõ tem posto
Ao Rey que aseus pouos quer dar gosto.

16

O Primeiro motor que tudo abarca
Ao homem primeiro imagem sua
Dos animais constituio Monarcha,
Para que vniuersal sceptro possua:
Pecca Adam, & ameaça a fatal Parca
No uital fio donde o homem sua,
De pois enganou a companheira, i
Em exhibir opomo lizõjeira.

17

O leaõ que atè li humilde era,
O dragaõ manso, o Tigre amorozo,
Cada qual delles com brauez a fera
Contra seu Rey se asanha impetuoso,
Aterra se abalança, o mar se altera,
A noite estende o manto tenebrozo
Atè que o serafim cõ ignea espada
Do Paraizo o lança & nega a entrada.

18

Preceito do Ceo he que a rezão dita
Que hũ bõ Rey nañ durma, ẽ seu estado
Ea doces pomes, a que o gosto excita,
Nañ entregue os sentidos descuidado:
Hum engano fatal vos precipita
Rey Philippe, do vosso grão primado
A mentira da noza, & lizonjeira
Em os vossos dileites companheira.

19

Com o doce pomo de hũ retiro alto
Vos enganou, & lizonjeou o gosto,
Ficando Portugal do summo salto
Paraizo, em que Deos vos tinha posto;
Alterase o Frances. & de hũ asalto
Contra vos se arma com irado rosto
O Catellão se asanha de opprimido,
O Olandes marcha, o Papa està offẽdido.

20

Hoje hum Rey Portugues do Ceo mouido,
Anjo na condição, saber, altura:
Do fresco Paraizo tam querido,
Em que sentis tal fruito; & tal doçura.
Vos lãça, Rey, de Hespanha adormecido
Com espada flamante em que se apura
O amor Portugues, que o Reyno accende
Se imflamado do Ceo, seu Rey defende.

21

Ao Cèo offendeo voſſo deſcuido,
Pois delle tantos males reſultarão,
Voſſo conſelho acauſa foi de tudo
Principalmente os tres que gouernarão,
Elles por voſſo mal vòs tinhão mudo
Elles erão os Reys, elles reynauão,
Vos sò naſua voz de ecco ſeruieis,
Pois o que pronunciauão refericis.

22

Pazes com o Olandes voſſo pay tinha,
E vos da por conſelho voſſo amigo
Que ter com elles paz vos não conuinha,
Sendo aguerra do Ceo ſempre caſtigo:
Que Cidade, que Reyno a ſuſter vinha
Dominio immortal, por guerras digo,
Carthago o teſtifique, & Troja antiga,
Que não ganhou apaz, Veneza odiga.

23

Tomauos do Brazil a maior parte
O Olandez com repentino aſſalto,
Tremòla no recife o eſtendarte,
Que por afronta voſſa ſe vio alto,
Vence inflamado do furor de Marte
De gente ſy, não de conſelho falto
E uos fazeis, ſem que temais o tiro,
Comedias em os tanques do retiro.

24

Contra Hespanha o Françes as armas toma
Peleija, arraza, cerca, ferè, mata,
Despoja, aßalta, vençe, rende, doma
Acomete, destroe, & desbarata,
Pera que a soldade sca vista, & coma
Dos voßos galeoens he pouca a prata,
Tudo a uexaçoens são fintas tyrannas,
E em Madrid correis toiros, iugais canas

25

A' India Oriental enfraquecida,
O Olandes entropa della sé apodera,
A vossa armada do Françes timida,
Que escandalo, & temor das ondas era,
Abrazada se uio, & consumida
Quando acclamar naual vitoria espera,
E vos, em o retiro recolhido,
Sobre o gouerno estais adormicido.

26

E quando em doce cama descuidado
Em a noite em que a gula altera o gosto
Fostes do brando sono lizonjeado,
Pera vos lizonjear sempre disposto,
Sobre o voßo vergel, retiro amado,
Fogo o Ceo lança com irado rosto,
E não escaramentou voßos amigos
Que hũ mao, tẽ por desgraças os castigos

Anun

Anuncio foi, este fatal successo,
Do que hoje em vossos Reynos acontese
Pois por vosso gouerno sempre auesso
Vosso deleite em Portugal pereçe
O Catalaõ, com marcial excesso,
Contra vosso conselho se enfurece,
O Ceo vos auizou, seuos contrasta,
Mas para hũ descuidado, o Ceo naõ basta

28

De Nabucho seu pay o ceptro herdado
Balthezar possuia Rey potente,
Do pay aquem Deos tinha castigado
Quando seu pouo ò catiueiro sente
Em esplendida meza regalado
Mão na parede, vio, que irada mente
A ruina aseus Reynos lhe escriuia
Mas Baltezar as letras naõ entendia.

29

Vieraõ os do conselho, & osintido
Interpetrar das letras naõ souberaõ,
Foi Daniel chamado, & eligido;
Delle auerdade todos perceberaõ:
Foi nesta acçaõ do Rey mal recebido,
Perde sua graça, os seus o aborre seraõ,
E embreue tempo o Reyno vio assolada
A sua Monarchia mal fundada.

30

E hum Rey, em dilicias descuidado
Auizos lhe dâ o Ceo, que o Rey ignora
O eborense o diga aleuantado,
O Fogo no retiro, o Catalaõ, agora
Letras saõ com que escreue o Ceo irado,
Mas falta hũ Daniel, Hespanha o chora
Mas ha Reys q̃ por descuido tãto erraõ,
Que se pregais verdades, vos desteraõ.

31

Com tres letras o Ceo vos auizou,
Com Euora, com fogo, e o Catalão,
Voßo consêlho em nada se aplicou
Contra os fidalgos apertais a maõ
A auexaßão no Reyno naõ sesou,
Pello acabar vrdis noua inuençaõ,
Ià hoje começais a enfraquecer,
Que tẽdes, Senhor, muito em que entẽder

32

Vosso consêlho so nisto he culpado,
Delle se queixa, o Reyno Lusitano
E se vos culpa he por descuidado,
Naõ vos culpa por mao, nẽ por tyranõ,
De tres priuados fostes enganado
Destes ao Reyno veio todo o dano
Porem ministros maõs que o trato liga,
Que naõ faraõ, se dorme quem castiga.

33

Voßos Reynos por elles asanhastes
Por suas ordens de ambiçaõ nacidas
As rendas aos Fidalgos cerceastes,
Deixando suas cazas destruidas.
Iuros que lhe naõ destes lhe tomastes,
E depois das fazendas consumidas,
As peßoas querieis com cautela
Pera espremeres todos em Castella,

34

Porem se jà infere bem meu silogismo:
Mais val em Portugal morrer hõrados,
Do que hir ver as desordens dese abismo,
Do patrio Pàraizo desterrados,
Hir apeleijar fora he barbarismo
Fidalgos que na patria saõ soldados,
Quem Rey natural tẽ, & causa justa
Naõ busca Rey estranho, & guerra injusta

35

Naõ cesou nisto naõ, a tyrannia
E de voßos tres priuados insolentes
Com males auexauão cada dia
Os pouos, que calauaõ obidientes:
E ainda que mostrarão valentia,
Nunqua os piquenos morrem de valẽtes
Porque nos grandes o respeito brilha
E quem tem superior logo se humilha.

36

Mas naõ parou aqui tanta impiedade
Chegaraõ estes tres Neros lizonjeiros
(Execuçaõ infausta, gram maldade)
A cercear os iuros aos mosteiros
Dedinheiro roubaraõ quantidade
As religiosas (santos conselheiros)
E porque seu bom zelò mais seueja
Querẽ os bens das capellas, & da Igreja.

37

De Christo he o Reyno, aquẽ suas chagas deu
E em fauor da Igreja dizer posso
Que he bem vos tire Christo hoje q̃ he seu
Pois lhe quereis tirar o que naõ he voßo:
Mà conta dais do que aguardar vos deu
Sendose u thizoureiro (se Rey nosso)
Mas vendo em vos conselho taõ cruel
Faz outro thezoureiro mais fiel.

38

Voßo conselho com mandado expreßo
De Portugal hũ colleitor tirou,
Quem leo, & obedeceo, naõ fez, exceßo,
A culpa toda tem quem o mandou:
Porque he voßo gouerno taõ aueßo
Que por aueßo jurisdiçois trocou,
Quer que no secular a Igreja esteja,
E tenha o secular mando na Igreja.

39

E porque mao gouerno em tudo ouueße
Os soldados por cuja valentia
Em hum Rey a Coroa resplandece,
Pois neruos são dè toda Monarquia
Tão mà paga consiguem, que parece
Que os seruiços que tem, naõ tem valia,
E assim vos serue o que hoie he alistado
Como quem na galle! rema forçado.

40

E porque sejão pòuco agradecidos,
E no seruiço vosso a esfriar venhaõ,
Se satisfeitos são dipois de ouuidos,
Pagaõ mea natta, porque apaga tenhão
Merces naõ são os bens que são vendidos
E asim quãtos ẽ Marte hoie se ẽ penhaõ
Quando apag i pediaõ, duuidauaõ,
Se amerecião, ou seuola comprauaõ

41

De titolos, & rendas despojado,
Depois de vos seruir com rosto ledo,
Foi sem culpa dos vossos afrontado
O vosso grão Fradique de Tolledo:
Aquelle general, taõ grão soldado,
Que sò com onome punha aOlanda medo
Atè qne amorrer veio da ferida,
Quem em vezes tãtas pos por vos auida

42

Mas que muito, Senhor, que assim passase?
Não me admiro de nada, nem me espãto
Que general vassalo vos matasse
Que vos matou Phelippe hũ Irmão sãto
So pera que verdades não falasse,
Temerão pois que adescobrisse tanto
Que caisse odeficio seu nochão
Se falasse com vosco, como irmão.

43

Estes são, Senhor, vossos consélheiros
Que se de antes, não fostes informado
Ia podeis ver como erão Lizonjeiros,
Como ereis por lizonjas descuidado
Ià Portugal tem Rey, braços guerreiros,
Iâ com isto estareis dezenganado,
Mas q̃ pouco aproueita (Deos vos guarde)
Hum dezengano, quando chega tarde

COm isto amadas Musas
As regias salas deixareis confusas,
E logo com audacia Luzitana,
Vos despedi da corte Castelhana,
Não vos detenhais nella,
Em Portugal entrai, deixai Castella.
Pera cantar as Lusitanas glorias,
Deixai satisfaçois, cantai louuores

Que verdade, em poeticos rigores
Quando menos se alargaõ
Se recreaõ a huns, a outros amargaõ.
A Portugal chegai, entrai vfanas
Pellas ruas, & praças Lusitanas,
Do reyno de Portugal cantai agloria,
Pois pera eternizar Real memoria
Phenix hà renacido
Depois de abrazado, & consumido
Tomai alyra, em Portugal entrando,
Deixai oplectro rustico acclamando
A hũ Rey, que catiua hoie as vontades
Dizendo pellas, Villas, & Cidades,
Com brio Portugues com vos altiua
Viuà ElRey Dom Ioaõ, Portugal viua.

LAVS DEO